

CATHERINE BYBEE

CONQUISTADA  
ATÉ TERÇA

Tradução de  
MARTA TEIXEIRA PINTO



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2017

## CAPÍTULO UM

Judy pressionou o botão vermelho de *assalto* e esperou não ter avaliado mal o seu oponente naquele estúpido jogo *online*. Precisava apenas de mais cinco pontos para chegar ao próximo nível, e a bateria do *tablet* indicava um aviso de vinte por cento.

— O que estás a fazer?

Meg, a sua companheira de quarto dos últimos quatro anos, estava à entrada, com uns reduzidos calções de desporto, a olhá-la com olhos arregalados.

— A fugir! — Raios. Errara os cálculos e o assalto falhara, atrasando-a em pelo menos meia hora. — Jogo estúpido.

Meg atirou o saco de desporto para o chão e entrou na pequena cozinha do apartamento que partilhavam fora do campus universitário.

— Disseste-me que não ias comigo para o *inferno* porque precisavas de estudar. Entro em casa... e o que vejo? Tu nesse jogo-de-perda-de-tempo, e não a estudar.

— Precisava de fazer uma pausa.

*Inferno* era a palavra de código para o treino de *boot camp* que James fazia no ginásio local. James elaborara os seus treinos com uma série de obstáculos que trabalhavam todos os músculos do corpo humano... e daí o termo *inferno*. Era realmente infernal quando não se conseguiam sentar numa cadeira ou na sanita sem amaldiçoarem James. No entanto, regressavam todos os dias.

Naquele dia, não... Pelo menos para Judy. A prova final de desenho arquitetónico avançado estava a dar-lhe cabo da cabeça. Pouco

importava que precisasse de entregá-la no dia seguinte, às sete da manhã. E que tivesse dito a si própria que era tola por ter optado por outra área no seu último ano. Que importância tinha que tivesse agravado o seu empréstimo de estudante em quinze mil dólares? E depois?!

Enterrou a cabeça nas mãos.

— Estou tramada.

— Estás bem.

Meg fechou a porta do frigorífico com o pé, segurando uma garrafa de água fresca na mão.

— Não presto para isto. O desenho no qual estou a trabalhar não faz qualquer sentido. Não tem nada de dinâmico... Nada que diga «Sou a melhor estrutura do mundo. Construam-me», nada.

Meg abanou a mão, afastando as preocupações de Judy.

— Estás a pensar demasiado. Estás stressada. Do que precisas é de uma saída noturna e de uma boa queca.

Judy revirou os olhos.

— Tenho de o entregar amanhã, Meg. Não tenho tempo para mais nada.

Além disso, ela deixara de se interessar por rapazes que não significavam nada no primeiro ano de universidade. Até os professores jovens e atraentes lhe pareciam menos interessantes desde...

Desde...

— Bem, precisas de fazer alguma coisa para te descontraíres — afirmou Meg. — Estás completamente bloqueada.

Meg dizia sempre aquelas coisas. Os seus pais eram reminiscentes do final dos anos sessenta, inícios dos anos setenta. Tinham tido Meg já tarde e estavam completamente queimados quando a conceberam. Daí o sentimento de *liberdade* de Meg em relação ao sexo e a sua política de *abaixo o poder instituído*. Era um milagre que tivesse conseguido completar um percurso educativo formal. Sim, ia deixar a Universidade de Washington com uma licenciatura em gestão, ainda que concluída por um triz.

O facto de Meg estudar gestão deixara Judy confusa quando se conheceram. Meg parecia ser o tipo de pessoa que tiraria um curso de arte. De acordo com Meg, os alunos que tiravam cursos de arte eram

empregados de mesa a vida inteira e quase nunca tinham qualquer tipo de segurança quando envelheciam. Judy ainda se interrogava se Meg se sentiria feliz em *qualquer* emprego na área da gestão. O tempo o diria.

Judy finalizara as cadeiras de gestão cedo para poder fazer arquitetura como segunda opção. O pai não ficara muito feliz, mas não pudera reclamar muito quando soubera que Judy tinha feito cursos *online* durante o ano escolar e as férias de verão para poder completar o que precisava para poder licenciar-se em duas áreas.

No entanto, naquele momento estava sentada no apartamento a jogar estúpidos jogos de guerra *online* e a fugir à prova final.

— Alguns de nós vamos encontrar-nos no Bergies. Uma bebida poderia arejar-te a cabeça.

Judy atirou para o lado o *tablet* que tinha os seus jogos de vídeo, o seu *e-mail*, a sua vida... e ergueu-se.

— Primeiro preciso de tomar um duche.

— Venho a trabalho — sussurrou Rick, de si para consigo, quando chegou ao campus da Universidade de Washington.

Pouco importava que tivesse iniciado o seu percurso a caminho da Universidade Estatal de Boise, onde Karen lhe dissera que Judy estudava. Desperdiçara apenas um bilhete para o destino errado.

Patrulhou o auditório onde as cerimónias de graduação teriam lugar... olhou para o local onde lhe tinham dito que ficariam os VIP enquanto viam os seus filhos, filhas ou, naquele caso, irmã, caminhar para o palco.

Michael Wolfe, a celebridade e o amigo que Rick fora ali proteger, era o Elvis dos filmes modernos... à exceção da guitarra e da voz. Toda a família de Michael — pais, irmãos, e até a sua ex-mulher — estaria presente na cerimónia de graduação de Judy. Os *paparazzi* seriam o obstáculo mais provável a superar, mas Rick sabia que todo o cuidado era pouco.

Reviu na sua mente a fadinha que tinha aventura e fogo no sangue, e sorriu.

O auditório era bom, decidiu. As duas saídas principais eram os únicos sítios nos quais os *media* se poderiam infiltrar. Seriam precisos

menos de três homens para darem conta do recado, e Michael e a sua família poderiam assistir à cerimónia de graduação de Judy em paz. Pensando melhor... talvez adicionasse um quarto homem para que *ele* pudesse ver a cerimónia de graduação de Judy.

— Aprova as condições, senhor Evans?

Rick esquecera-se quase por completo do administrador da segurança do campus, que se lhe juntara.

— Quantos seguranças têm ao serviço no dia da cerimónia?

— Estão previstos doze.

— De confiança? Nenhum deles se deixará comprar... certo?

Não seria a primeira vez que um segurança ganhava dinheiro fácil por deixar entrar os *media*.

— Claro.

Pete, o responsável pela segurança, parecia ofendido.

— Então, onde é que os estudantes do último ano se encontram duas semanas antes da cerimónia?

Rick não frequentara a universidade. Alistara-se nos fuzileiros navais pouco depois da escola secundária. A educação formal e o trabalho burocrático não eram para ele. Não! Ele quisera aventura. Tanta aventura que os seus amigos tinham sido mortos e partes do seu corpo tinham sido danificadas e marcadas para sempre graças ao tempo passado no serviço militar. Sim, quando se era um fuzileiro naval era-se um para sempre, mas, com trinta e um anos de idade, não tinha grande vontade de voltar.

Não se arrependia do tempo que passara no serviço militar, mas parecia que tinha deixado a sua vida em pausa enquanto todas as outras pessoas lhe passavam à frente. Naquele momento, vendo o último colega dos fuzileiros navais casado e com uma filha, parecia a Rick que lhe faltava um elemento-chave na vida.

Quando as noites eram longas e o sono não chegava, os pensamentos de Rick concentravam-se numa pessoa... Utah.

Céus, ela era ácida como vinagre... sensual e inteligente, tudo em uma. Não que ele devesse poluir o seu mundo, mas não conseguia deixar de pensar nela.

O Bergies não fazia bem parte do conjunto de bares da moda onde a maior parte dos miúdos se encontrava... Este era para os estudantes ligeiramente mais velhos aliviarem a tensão nos seus últimos dias de boa vida universitária.

Um chuvisco lento e constante caía lá fora, mas as janelas estavam abertas para o exterior para deixarem o ar circular. Eram só nove horas, mas o bar estava apinhado de gente e a música estava alta. A combinação perfeita para se esquecer ou para curtir com alguém. De qualquer forma, não pensou encontrar Utah lá dentro.

Mas ela já o surpreendera antes, por isso, quem sabia?

Rick entrou no bar e deixou a porta fechar-se atrás de si. O tapete debaixo dele estava encharcado, por isso limpar os pés era mentira. Passou pela primeira cabina e pelo segurança esgotado que se sentava perto da porta. Não estava suficientemente atento para perceber que Rick, com mais do que uma arma de fogo, acabara de invadir o forte. Não que Rick tivesse qualquer intenção de mostrar as suas armas a quem quer que fosse. Bem, pelo menos não as de compra.

— Olá, jeitoso! O que desejas tomar?

A empregada de mesa, que era demasiado magra e demasiado carente, fisgara-o antes de ele conseguir sentir o cheiro a cerveja azeda. O convite dela tinha mais que ver com a possibilidade de mostrarem os corpos um ao outro do que com trazer-lhe uma bebida.

Rick preferia a bebida.

— Uma *Heineken*.

Ela dirigiu-lhe uma piscadela de olho.

— É para já.

Ela desapareceu com um abanar de ancas e um agitar de cabelo louro oxigenado.

Não fazia o seu estilo.

O sorriso que lhe adornava sempre os lábios fez girar algumas cabeças na sua direção, mas quando ele olhou para além dos olhares que o seguiam, as mulheres voltaram-se nos assentos e regressaram às conversas que estavam a ter com outros clientes.

A louraça equilibrou a cerveja no tabuleiro e lambeu os lábios enquanto lha entregava. Ele pescou uma nota de dez da carteira.

— Fica com o troco.

A nota de dez desapareceu no minúsculo bolso da saia curta.

— Saio à meia-noite.

— E eu estou à procura de uma pessoa.

Ela fez-lhe um beicinho.

— Se mudares de ideias...

Dirigiu-lhe uma piscadela de olho, e afastou-se.

*Nem penses, querida.*

Rick dirigiu-se para a parte de trás do bar, onde jogadores de bilhar seguravam tacos e esperavam pela sua vez junto a umas mesas de bilhar.

Uma gargalhada funda fê-lo parar.

Conhecia aquele riso.

De repente, o sorriso no seu rosto pareceu-lhe mais genuíno. O seu olhar deslizou pela sala quando ela se riu de novo. Estava de costas voltadas para ele, mas era ela... Utah. Ela pegou no taco e apontou para uma das bolsas dos cantos.

— Observem e chorem.

Embolsou a bola oito como se estivesse às suas ordens, e os homens em redor da mesa generam. Uma loura com cabelo curto ergueu a mão e esfregou o indicador e o polegar um no outro.

— Toca a pagar!

Utah riu-se, pousou o taco em cima da mesa e pegou na garrafa de cerveja que tinha a seu lado. Durante todo esse tempo Rick limitou-se a observar a interação. Ela vestia calças de ganga justas, uma camisola de alças metida para dentro que lhe abraçava a cintura de forma a fazer crescer água na boca... Por cima do conjunto vestia um casaco de ganga que ele facilmente imaginava estendido por cima do guiador da sua motorizada.

— Acho que fomos enganados — concluiu um dos jovens universitários, enquanto enfiava a mão dentro da carteira para pagar a sua dívida.

— Eu tentei avisar-te.

A amiga de Judy enfiou as notas dentro do bolso mais depressa do que a empregada de mesa o fizera.

— Mais alguém? Um mínimo de vinte dólares com uma rodada de bebidas.

*Isto pode ser divertido.*

Rick deu um passo em frente e ergueu a voz acima da multidão.

— Cem dólares.

Utah paralisou, mas não se voltou. Ele interrogou-se se ela teria reconhecido a sua voz. Teria ela pensado nele no ano que passara? À exceção do divórcio do irmão dela, não a vira... sem ser em sonhos eróticos, não.

A loura rodou a cabeça como uma cobra para a presa e os seus olhos percorreram-no de cima a baixo, como por vezes lhe costumava acontecer. Rick sabia que não era nada de deitar fora, sabia que enchia a camisa como era esperado de um fuzileiro naval. Os seus ombros e pescoço musculados denunciavam-no como militar ou jogador de futebol americano. Chegara a jogar um pouco de futebol americano na escola.

— Quem és tu? — resmungou a loura.

Rick riu-se por entredentes.

Judy voltou-se lentamente e teve de virar a cabeça para trás para olhar para ele.

— Olhos Verdes.

— Olá, Utah.

— Conhece-lo? — perguntou a loura, aproximando-se de Judy e acotovelando-lhe o braço.

Céus, ela era ainda mais encantadora do que ele se lembrava. Ele prendeu-lhe os olhos, devolvendo-lhe o olhar fixo que ela lhe dirigia. As faces dela coraram e algumas das sardas espreitaram por entre a maquilhagem. O comentário sarcástico dela acerca da sua presença ali estava a um sopro de distância. Ele apostaria mais cem dólares em como as próximas palavras a sair da boca dela chocariam os que as ouvissem.

— O comboio dos esteroides passou pela cidade sem que eu tivesse conhecimento?

A loura começou a rir-se.

Rick aproximou-se ainda mais, ficando a apenas alguns centímetros de distância dela. O sorriso nunca lhe abandonou o rosto.

— Ouvi dizer que os esteroides encolhem pilas.

Como se não conseguisse evitá-lo, Judy lançou o olhar para baixo, e foi a vez de Rick se rir. Roçou uma parte do corpo dela com o seu e retirou o taco da mesa.



— O que dizes, Utah? Até te deixo dar a tacada de abertura. As senhoras primeiro, e isso tudo.

Rick sabia que estavam a atrair uma multidão, mas a sua interação condizia com as faíscas que pairavam acima deles como um arco-íris, e ele não queria saber o que os outros pensavam.

— Cem dólares é muito dinheiro, Judy.

— Não faz mal, Meg... O Rick gosta de falar. Além disso, não sabe do que eu sou capaz.

Rick abanou a cabeça e fez estalar a língua.

— Vá lá... Não mostres já o jogo todo.

— Ela joga muito bem, meu — informou-o, do outro lado da mesa, o rapaz a quem ela ganhara vinte dólares.

Rick baixou o tom de voz.

— Vais ser branda comigo, amor?

Judy recuperou alguma da compostura perdida e afastou-se do espaço pessoal dele.

— Nem penses. E não sou o teu *amor!*

*Veremos.*

Não conseguiu deixar de sorrir.

*Não vou sorrir. Não vou sorrir:* Está bem, por dentro sorria. Aquele homem conseguia ser insuportável, mas era tão delicioso de se ver. Fazia com que os homens do bar parecessem meninos. Em comparação com ele, eram mesmo.

Meg baixou os lábios até à orelha de Judy.

— Quem é ele?

Judy esfregou giz na extremidade do taco, e sussurrou:

— O segurança do Mike.

— O tipo do verão passado?

Sim, o tipo que ajudara a encontrar Becky Applegate e a entregar o pai, que abusava dela, à justiça. Rick podia ter a alcunha de Smiley, mas aquele sorriso desapareceria num segundo se alguém se metesse com ele. Ela vira-o em ação, e era como um tornado sem a sirene de aviso. No entanto, se o bater do seu próprio coração fosse um indicador, estavam a ser-lhe dados um ou dois avisos acerca daquele homem.

— Grrr! — rugiu Meg, num sussurro, como uma gata.

— Devias avançar.

Meg riu baixinho.

— Querida, ele não está aqui para olhar para mim.

Judy olhou de relance e reparou no intenso olhar de Rick. Acabou de beber a cerveja e fez sinal à empregada de mesa.

— A aposta é cem dólares e uma rodada de bebidas.

— Tudo o que a senhora desejar.

— Outra rodada, Cindy... e o que ele estiver a beber.

Rick agitou a sua cerveja no ar, inclinou-se para trás e cruzou os braços sobre o peito. Era uma pena que aquele antro não tivesse *Dom Pérignon* para ela perceber se a carteira de Rick podia ou não com ela. Não que ela tivesse tido muita experiência com vinhos caros... Bem, quando visitava o irmão parecia haver sempre espumante dispendioso.

— Quando estiveres preparada, amor.

À volta deles, faziam-se apostas paralelas. Não que ela fizesse a mínima ideia das competências de Rick, mas supunha que alguns dos homens pensassem que a sua estatura seria o suficiente para apostar nele. Tinha de admitir que a confiança dele a abalava... um pouco.

Judy pôs a bola branca na mesa e inclinou-se sobre ela. Diretamente à sua frente estava Rick, do outro lado das bolas coloridas, alinhadas no triângulo e preparadas para voar. O bilhar não era mais do que ângulos e retas. Coisas com as quais ela trabalhava todos os dias na faculdade. Depois de ter visualizado a mesa como uma grande grelha com uma variedade de possibilidades, começara a embolsar bolas e a ganhar algum dinheiro para os alfinetes para ela e Meg gastarem. Não precisava de angariar jogadores. Os amigos que estavam no bar faziam-no por ela. Os novatos eram avisados e as apostas nunca eram altas... Apenas as bebidas e dinheiro miúdo.

Era divertido e, no final, todos passavam um bom bocado.

Puxou o taco para trás algumas vezes, alinhando as bolas.

— Quantas vezes tenho de te dizer que...

Embateu as bolas umas nas outras e conseguiu fazer desaparecer uma unicolor e uma listada em bolsas opostas. Olhou de relance para a mesa e organizou mais três jogadas... de bolas unicolors. Caminhou

até ao lado da mesa de Rick, inclinou-se para a frente, e terminou a sua deixa:

— Não sou o teu amor.

Embolsou a bola quatro e ergueu-se com um sorriso. Com o dedo indicador, empurrou Rick para fora do seu espaço pessoal, virou-lhe o rabo e embolsou a bola número um numa bolsa de canto.

Não se lembrava de alguma vez ter namoriscado de forma tão descarada, especialmente quando não pretendia agir de acordo com os seus impulsos sexuais. Namoriscar com Rick era divertido, mas aquele homem emanava perigo e ela não queria nada com o perigo. Nem que fosse apenas por uma noite.

A próxima jogada não era certa, pois precisava de ir à tabela e, provavelmente, iria bater na bola dez listada no caminho... Mas se ela batesse na bola dez a noventa graus, poderia resultar. Judy alinhou os ângulos enquanto todos em redor da mesa fizeram silêncio.

Sentiu o peso do olhar fixo de Rick enquanto dava uma tacada ligeira na bola e a observava à medida que esta batia lentamente no alvo e quase parava antes de se afundar na bolsa. Suspirou, e sorriu.

— Raios, Utah... És *mesmo* boa — comentou Rick, sem perder o sorriso.

— Avisei-te, meu — replicou Jerry, que era o desmancha-prazeres de serviço, garantindo que todos os oponentes sabiam o risco que corriam quando apostavam contra ela.

Não havia uma única jogada decente na mesa de bilhar, por isso Judy certificara-se de que a bola branca não ficava numa posição ideal para Rick fazer uma tacada fácil.

Rick caminhou em redor da mesa, estudando as bolas.

— Queres aumentar os termos da aposta, amor?

Os molares de Judy rangeram. Nunca gostara do termo *amor*.

— O que tens em mente?

— Se ganhares, deixo de te chamar *amor*.

— E se tu ganhares?

— Um encontro... A qualquer momento e em qualquer lugar da minha escolha.

Nem sequer olhou para ela quando o sugeriu.

— Um encontro?

Ele esfregou giz no taco.

— A qualquer momento, em qualquer lugar.

— Tenho provas finais e a cerimónia de graduação.

— Essas datas não serão tidas em consideração.

Judy olhou de relance para a mesa...

— Parece-me uma situação vantajosa — concordou Meg, do alto do banco onde se sentava enquanto bebericava vodca tónico.

Judy revirou os olhos.

— Está bem, rapaz rebelde... Está apostado.

Barulho vindo do balcão captou-lhe a atenção. Dois tipos estavam a discutir acerca de um jogo que estava a dar no enorme televisor.

Ela voltou-se e focou a atenção em Rick.

— Ao que parece — comentou ele, inclinando-se para a frente e, sem se concentrar, embolsando a bola onze, uma jogada que ela nem sequer vira — não gostas mesmo que te chame *amor*.

— Prefiro Utah a *amor*.

A bola catorze era uma tacada fácil, mas ele conseguiu atirá-la contra a tabela e empurrar a bola nove para uma bolsa do lado oposto, na outra ponta da mesa.

Os que estavam em redor da mesa começaram a trocar dólares entre si.

Rick falhou a jogada seguinte.

Judy despiu o casaco e entregou-o a Meg. Ele queria jogar a sério, não queria?

A bola sete quase precisou de um extensor para se alinhar, mas caiu na bolsa e a sobrançelha de Rick ergueu-se. A sua jogada seguinte falhou, mas a de Rick também.

Ela conseguiu embolsar a bola dois e sentia-se confiante, quando Rick embolsou duas de uma só vez... de novo.

*Raios!*

— Então, joga-se muito bilhar quando se está no serviço militar? — perguntou ela.

Ele riu-se.

— Nem por isso.

Ele alinhou a sua última bola na mesa. Entrou na bolsa com facilidade, e o ritmo cardíaco de Judy disparou. Não tinha cem dólares

consigo. Tinham apenas jogado dois jogos quando Rick aparecera no bar. E havia a questão do encontro, no qual ela sabia que Rick lhe chamaria *amor* o tempo inteiro.

— Então, onde aprendeste a jogar?

Ele parou... olhou-a nos olhos.

— A jogar à batota quando tinha dezassete anos. E fiz uma batelada de dinheiro.

*Oh, raios!*

Barulho vindo de trás deles captou a atenção de ambos. Ao que parecia, o bêbado de serviço não tinha gostado da decisão do árbitro e estava a discutir com outra pessoa por causa disso.

Judy focou a atenção na mesa de bilhar e fixou a posição da bola oito. Rick abraçou a borda da mesa, em toda a sua glória negra. Ele teria de ser um idiota para não acertar aquela jogada. Mais valia mandar monografar o epíteto *amor* nas toalhas.

— O que se passa, *amor*? Pareces chateada.

Rick riu-se por entredentes, inclinou-se para a frente e puxou o taco para trás.

Ao balcão, vidro estilhaçou-se no chão. Judy girou a tempo de ver uma cadeira voar pelo ar. Estava prestes a baixar-se quando dois braços fortes lhe envolveram a cintura e a puxaram para fora da linha de fogo.

Os seus pulmões explodiram e todo o ar que tinha dentro de si saiu de repente, deixando-lhe a cabeça a andar à roda.

Rick aconchegou-lhe a cabeça ao ombro forte e musculado dele, enquanto ela sentia o corpo dele estremecer. À volta dele, madeira lascou-se e ela ouviu Meg gritar.

Judy atreveu-se a olhar e viu o bar explodir numa rixa tremenda. Já acontecera uma vez, quando ela fizera vinte e um anos, mas isso fora dois anos antes.

— Estás bem?

Olhos verdes num rosto severo... Tão diferente do riso que parecia dominar sempre a expressão de Rick. O corpo dele cobria o seu por inteiro... Da cabeça aos joelhos. Ela sentia todas as extremidades rijas dele. Todas as extremidades.

— Sim.

Rick voltou o rosto para o dela, e empurrou-a ainda mais para debaixo dele. Vidro salpicou por cima de ambos.

Pelo canto do olho, reparou que Meg e os seus amigos fugiam pela porta das traseiras.

O ruído da rixa enchia a sala e o som de punhos a embaterem em carne fez Judy encolher-se.

Rick quase a levantou do chão quando se ergueu, com os braços a apertarem-lhe a cintura como um torno.

No minuto em que se pôs de pé, alguém deu um murro e Rick atingiu-o com o cotovelo, seguido do pé, atirando o bêbado para o lado.

— Porta das traseiras?

Judy apontou na direção que os seus amigos tinham acabado de tomar para saírem e Rick correu juntamente com ela para a saída.

Saíram a cambalear para a viela húmida e a noite fresca de primavera atingiu-a no rosto.

Sem intenção, deu-se conta de que tinha um sorriso no rosto, apesar do ardor no braço onde batera no chão quando Rick a desviara do caminho. Tê-la atirado ao chão fora muito melhor do que ter uma cadeira a voar-lhe pela cabeça.

— Estás bem?

Ela começou a rir-se.

— Judy?

Ela inclinou-se para a frente, com as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego e parar de rir.

— Já reparaste que cada vez que nos encontramos acontece uma loucura qualquer?

Demorou um minuto, mas Rick começou a rir-se com ela.

— Vou culpar-te a ti.

— Fácil de fazer, uma vez que eu vivo aqui e tu estás de visita.

Ela endireitou-se e levou uma mão ao cotovelo dorido. Depois lembrou-se que deixara o seu casaco de ganga preferido lá dentro.

— Oh, raios.

— O que foi?

— Nada... O meu casaco... Esquece.

Não valia a pena voltar atrás para ir buscá-lo.

— Judy? — chamou Meg da rua.

— Estamos aqui.

Dois clientes saíram disparados pela porta das traseiras, e Rick puxou-a de novo para longe do alcance de punhos que voavam à medida que a rixa passava para a rua.

Correram para longe do caos e encontraram-se com Meg e com dois dos seus amigos.

— Mas que forma de acabar a noite!

Judy expirou profundamente.

— De qualquer modo, tenho a minha prova final para fazer... Que horas são?

— Ainda não são dez.

Judy inclinou a cabeça para o lado enquanto os seus olhos encontravam os de Rick. Aquele homem era uma grande contradição. Olhos suaves, músculos compactos... Sorriso fácil, um gene protetor feroz.

— É isso!

Era disso que o seu projeto precisava. Linhas suaves e madeira compacta. Céus, a resposta estivera na sua frente aquele tempo todo. Iria ser brilhante. Está bem, talvez brilhante não, mas completamente único e original... Assim o esperava.

— Utah?

Judy não se apercebera de que erguera a mão e delinear a o braço de Rick. Suave e compacto... Ela retirou a mão com rapidez quando ele estendeu a dele para ampará-la.

— Bateste com a cabeça?

Doía-lhe, de facto... Mas devia-se provavelmente ao ruído que emanava do bar e ao empolgamento de saber exatamente o que precisava de fazer para a prova final.

— Não... Estou bem. Meg? — Voltou-se para a amiga. — Temos de ir. A minha prova final... Já sei o que preciso de fazer.

Meg abanou a cabeça, e riu-se.

Rick agarrou-lhe a mão antes de ela poder sair a correr.

— E o nosso encontro?

Judy puxou a mão e apontou-lhe o dedo.

— Não ganhaste, Olhos Verdes.

— Não perdi, *amor*.

Judy riu-se. Céus, ele irritava-a de uma forma perfeita.

— Até à desforra, então.

Enquanto Meg a puxava, Judy disse:

— Obrigada por teres impedido que me arrancassem a cabeça.

Rick ficou na viela, com chuviscos a cair à sua volta, à medida que a rixa do bar se deslocava para a rua e as sirenes começavam a tocar a leste.

— Sempre às ordens, Utah.

Judy voltou-se e correu pela rua chuvosa até ao apartamento que partilhava com Meg, sabendo que Rick a observava de trás.